

BREVE HISTÓRIA DA GESTAPO

SHARON VILCHES

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

«O que aconteceu é um aviso. Esquecê-lo é um crime.
Foi possível que tudo aquilo acontecesse e continua a ser
possível que em qualquer altura tudo volte a acontecer.»

Karl Theodor Jaspers

A todos aqueles que viram e vêem a luz na escuridão.
À minha família e amigos, especialmente
à inspiradora Julia, ao protector Edu,
à radiante María e a Nieves, a minha pedra angular.



ÍNDICE

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DO TERCEIRO <i>REICH</i>	11
O peso da História	15
Um povo, um Reich, um líder.	16
O ponto de viragem: a guerra que mudou o mundo . . .	19
O que é o nacional-socialismo?	24
O projecto nazi	27
A nação excludente	29
A ascensão imparável: de Weimar ao <i>Reich</i>	34

CAPÍTULO 2

O ESPÍRITO DA GESTAPO: POLÍCIA E POLÍTICA.	43
Caça às bruxas na Europa: o tempo da perseguição política	46
A repressão fascista: a OVRA de Mussolini	48
O para-fascismo e o Estado em Portugal: a PVDE. . . .	49
Ao serviço de sua Majestade: MI5, o serviço secreto da democracia	50
NKVD, a repressão de Estaline.	52
A polícia política e a História. Os antecedentes da Gestapo	54
O contexto: a <i>Geheimpolizei</i> e a perseguição da oposição .	56
A lei e a ordem no Terceiro <i>Reich</i>	62
Proscritos, inimigos públicos do nacional-socialismo . .	63
Oposição política.	64

Movimentos de trabalhadores, de cidadãos, de estudantes e de funcionários	66
O Terceiro Reich contra Deus	68
Inimigos da raça, a eugenesia no Terceiro Reich	70
A oposição indeterminada: elementos perigosos para o Regime	73

CAPÍTULO 3

OS PRIMEIROS ANOS DA GESTAPO	75
O germe da Gestapo	78
O projecto de Göring e a oportunidade Diels	80
A Consolidação oficial	85
A outra face da moeda: Himmler na Baviera, a luta pela conquista do <i>Reich</i>	88
A «Gestapo» das SS.	90
A união. A Gestapo instala-se por toda a Alemanha.. . .	92
A queda das SA e do próprio Göring.	95
As mudanças de Himmler: uma nova Gestapo	97
A Gestapo organizada, a Gestapo mais letal	102

CAPÍTULO 4

A GESTAPO EM GUERRA	105
A mudança do <i>status quo</i> europeu.	108
Operação <i>Reichsführer</i>	110
A guerra regressa à Europa	116
A RSHA. A máquina perfeita	118
A criação de uma máquina irresponsável	120
O <i>Amt</i> ou o rigor do trabalho.	123
O coração do RSHA: <i>Amt IV</i> , a Gestapo	129

A oposição em guerra, novas preocupações da Gestapo . . .	133
O programa Aktion T4	135
A nova oposição interna	137
Matar Hitler	142

CAPÍTULO 5

A GESTAPO CONTRA A EUROPA	148
Os Planos da Gestapo para a Europa	151
Os anos de espionagem	154
A passagem para o massacre	160
As novas técnicas de repressão no estrangeiro: escravatura, confinamento e morte.	163
A oposição inesperada: a resistência estrangeira	169
A imposição da Gestapo na Europa	175
À caça do antigo Império Austro-Húngaro.	175
O caso austríaco.	176
A Checoslováquia ou o primeiro teste da Gestapo no estrangeiro	179
Europa de Leste	184
A Gestapo na Europa Ocidental	186

CAPÍTULO 6

OS CAMINHOS DA VIOLÊNCIA	193
A imposição da cultura política nazi: violência e violência política	197
A teia por detrás da aranha: atitudes sociais face à Gestapo.	200
A batalha pela opinião	204
A maioria dos alemães foram vítimas ou carrascos da Gestapo?.	211

A violência da Gestapo	216
O procedimento. Cara a cara com a Gestapo	221
Os homens por detrás do casaco preto	226

CAPÍTULO 7

A GESTAPO CONTRA A HUMANIDADE	233
O sistema de campo	236
Os campos de extermínio	241
Planear um genocídio	246
Do ostracismo à segregação	248
Começa o extermínio	252
Campos de estrangeiros e estrangeiros nos campos. . .	256

CAPÍTULO 8

JUSTIÇA E HISTÓRIA CONTRA A GESTAPO	261
Os julgamentos de Nuremberga	265
O que aconteceu com...?	270
A lenda da Gestapo	276

BIBLIOGRAFIA.	281
------------------------------	------------

A construção do Terceiro *Reich*

«Amanhã muitos amaldiçoarão o meu nome.»

Adolf Hitler

Às 2h41 da madrugada de 7 de Maio de 1945, foi assinada em Reims, França, a primeira Acta da Capitulação Alemã, após a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. O *Reich* de Mil Anos chegava ao seu fim devastador de novo no país gaulês. Para trás, ficou uma Europa em ruínas, devastada pela guerra, pela desolação e pelo caos. A Segunda Guerra Mundial foi o conflito bélico mais destrutivo da História. Os especialistas estimam que houve 55 milhões de vítimas mortais, 30 milhões de feridos e cerca de três milhões de desaparecidos. A Alemanha perdeu cerca de três milhões e meio de pessoas como consequência directa da própria guerra, às quais se juntam as vítimas do Regime nazi, calculadas em cerca de 12 milhões de pessoas mortas ou desaparecidas em prisões, campos de trabalhos forçados, campos de extermínio ou campos de prisioneiros durante todo o período nazi na Europa. A gesta do *Reich* contra todos aqueles que não correspondiam ao ideal do nacional-socialismo chegou ao fim nesse Maio frio de 1945. Milhares de pessoas foram libertadas das prisões e dos campos, à medida que as tropas aliadas atravessavam os territórios ocupados pelo *Führer* na Europa

e na própria Alemanha. A partir de Julho de 1944, os soldados soviéticos libertaram milhares de pessoas dos campos de concentração ou de extermínio que encontravam à medida que avançavam para oeste. Em 1945, ano da vitória dos Aliados, os soldados britânicos, americanos, canadianos e franceses foram responsáveis pelo desmantelamento do aparelho repressivo que o Regime nazi tinha criado na Europa Ocidental. O mundo conheceu então o horror. Os exércitos dos Aliados eram frequentemente acompanhados por jornalistas e fotógrafos que documentavam com assombro o que encontravam. Os responsáveis pelos campos de extermínio tinham tentado, em vão, apagar todos os vestígios dos assassinios em massa, como foi o caso do campo de Majdanek, na Polónia, onde os soldados soviéticos encontraram os crematórios em chamas, mas a câmara de gás intacta, devido à rapidez da fuga. Muitos dos detidos não sobreviveram após a libertação; o tifo, a subnutrição ou as torturas contínuas impediram milhares de pessoas de continuar a viver, mesmo em liberdade. Outros, nunca recuperaram das sequelas físicas ou psicológicas, do que viram, sofreram na própria carne ou na dos seus familiares, amigos, companheiros ou conhecidos.

As atrocidades cometidas no Terceiro *Reich* são ainda hoje difíceis de compreender: custa imaginar, na nossa perspectiva, como é que um grupo de pessoas foi capaz de criar um aparelho repressivo que ameaçou, torturou e assassinou em massa multidões de seres humanos com o beneplácito da restante sociedade nacional e até mesmo internacional. É provavelmente por isso que o estudo do Terceiro *Reich* é um dos temas que mais interesse tem despertado entre filósofos, sociólogos, historiadores e outros estudiosos das

ciências sociais. Ao longo dos anos, a historiografia abordou este período sob diferentes perspectivas, numa tentativa de compreender as origens e o desenvolvimento da época mais negra da história alemã e europeia. Até à década de 60, a leitura política dominou o estudo deste período, com a análise do Estado alemão e das suas instituições como ponto de partida para os historiadores. A aparente coesão entre o Estado e as suas instituições, sustentada por uma forte ideologia que subjugava a população em bloco, teve primazia nas primeiras investigações. Estas teorias sofreram uma crise profunda com a análise micro-histórica, que evidenciou a total incoerência, em muitas ocasiões, entre o Estado central e as administrações locais. Nos anos 60, com a abertura dos arquivos sobre o nacional-socialismo que estavam na posse das potências aliadas o estudo deste tema tomou um novo impulso. Surgiram, então, várias hipóteses baseadas nas origens sociais da ditadura que sustentaram o Regime, tanto por interesses pessoais ou colectivos, como graças à irrupção da história social no estudo do período nazi. Foi esta última perspectiva que dominou o cenário historiográfico a partir da década de 70. A história social do Terceiro *Reich* foi, e continua a ser, uma das correntes historiográficas mais frutíferas e inovadoras do seu tempo, descartando velhos paradigmas, como o da coesão do Estado alemão, e revelando as fragilidades das instituições criadas pelo nazismo, assim como a participação da sociedade alemã no aparelho repressivo do *Reich*. Estas teorias abriram um vasto campo de estudo que passou a analisar várias facetas da Alemanha hitleriana, dos seus aliados e detractores. O chamado Projecto Bávaro é o expoente directo da história social dos anos 70: criado em 1973, foi o ponto de partida

para a investigação das atitudes dos alemães em relação à ditadura, um campo que interessava tanto aos cientistas sociais quanto à sociedade alemã, que ansiava reconciliar-se com a sua história. Este projecto permitiu constatar que as atitudes face ao nazismo variavam entre a convivência e a resistência, mesmo que esta fosse silenciosa e estivesse pouco articulada. O estudo da conduta dos alemães em relação ao Regime tem sido a chave dos trabalhos sobre o Terceiro *Reich* e sobre a compreensão das consequências atrozes das suas políticas.

Já nos anos 90, com o aparecimento da história cultural, registaram-se grandes avanços neste domínio. Tornou-se evidente a importância da linguagem ou do simbolismo do Regime para conquistar as vontades individuais da população alemã. Um dos pontos mais interessantes, principalmente para este livro, é a influência dos historiadores na análise do apoio que instituições como a Gestapo ou as SS recebiam para perseguirem os inimigos do Regime. Ao mostrarem que a estrutura policial e paramilitar era fraca, abriram a porta ao termo «colaboracionismo». Em última análise, o que estas teorias defendem é que, sem a ajuda de uma grande parte da população, o sistema de espionagem do Terceiro *Reich* não poderia ter perseguido, denunciado e assassinado de forma tão sistemática como o fez.

Este espaço de debate sobre a alegada convivência da população com o Regime tem sido a perspectiva preponderante nas últimas duas décadas, pelo grande interesse que desperta tanto para a historiografia como para a sociedade em geral. É este, pois, o nosso ponto de partida. Depois de compiladas as informações fornecidas pelos investigadores, temos de dar um passo em frente, orientando a nossa

investigação para os fundamentos político-culturais que permitiram que cidadãos comuns alemães apoiassem directa ou indirectamente, enquanto membros das instituições alemãs, a desumana repressão levada a cabo pelo nacionalismo e, em particular, pela Gestapo.

Para o fazer, é necessário analisar em que consistiu a construção do Terceiro *Reich*. A Gestapo e outras instituições nutriam-se directamente do contexto específico em que surgiu o nacional-socialismo e os pilares básicos sobre os quais este foi forjado. Por isso, neste primeiro capítulo, vamos aprofundar a história alemã do século XIX, o contexto internacional em que surgiu o nacional-socialismo, a Europa entre guerras, bem como a criação do projecto nazi, desde a sua concepção até à conquista do Estado. Sem uma compreensão abrangente da história alemã e do nacional-socialismo em particular, é impossível chegar a uma compreensão cabal do que significou a Gestapo.

O peso da História

A história alemã teve um papel importante na construção do Terceiro *Reich*. Os erros e os êxitos dos antepassados alemães e europeus criaram o contexto propício ao nacional-socialismo. Para estudar o Regime nazi, é necessário mergulhar no período anterior: o de Bismarck. Este foi de vital importância para a Alemanha, já que nele se reformularam as relações internacionais e nacionais até então conhecidas, com a Alemanha no topo. Além disso, a figura de Bismarck foi reverenciada ao longo dos anos como o adail da hegemonia